

POLÍTICA INDUSTRIAL E DE EXPORTAÇÃO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 27.04.1982

Uma política industrial hoje no Brasil, ao contrario do que ocorria há trinta anos atrás, só pode ser uma política de exportação. Não obstante, ainda que fale vagamente em prioridade às exportações, à agricultura e à substituição de petróleo, na verdade o Governo limita-se a embarcar em uma suicida política monetarista que leva o país à recessão, não resolve a crise fiscal (porque o déficit do orçamento federal continua imenso), nem abre perspectivas de solução para o futuro.

Ora, as perspectivas para o futuro no Brasil dependem fundamentalmente do êxito de nossas exportações de manufaturados. Quando no inicio dos anos cinqüenta se definiu pela primeira vez uma política industrial no Brasil a prioridade era a substituição de importações, não as exportações. Estávamos certos então. Havia uma reserva de mercado e uma reserva de mão-de-obra a serem aproveitadas pela indústria nacional independentemente do fato de que os custos internos fossem superiores aos externos. Bastava proteger tarifariamente a indústria local. O problema econômico fundamental não estava na eficiência da produção, mas no aproveitamento do mercado interno existente e na utilização da força de trabalho desempregada ou subempregada.

Trinta anos depois a situação é completamente diversa. Uma política industrial no Brasil terá que ser necessariamente uma política de exportação.

Essa política industrial deverá privilegiar aquelas indústrias que tem potencial exportador (porque aproveitam nossas vantagens para o pleno desenvolvimento tecnológico).

Essas indústrias já estão instaladas no Brasil. São, entre outras, a indústria de bens de capital (principalmente sob encomenda), cuja impressionante 14º Feira de Mecânica Nacional acaba de encerrar-se no Anhembi, a indústria eletrônica, que está tendo um desenvolvimento extraordinário nos anos recentes, a indústria aeronáutica (a Embraer

acaba de produzir (e exportar) o 400º Bandeirante). Ou seja, são indústrias trabalho-intensivas mas tecnologicamente sofisticadas.

São essas as indústrias sobre as quais deveria se concentrar a política industrial e de exportação do Brasil. a política industrial teria como objetivo facilitar que essas indústrias alcançassem a eficiência produtiva e, portanto a competitividade internacional necessária para exportarem muito mais do que já exportam.

Existe uma falsa crença na correlação direta entre tecnologia sofisticada e capital-intensividade, tecnologia simples e trabalho-intensividade. Aquelas indústrias trabalho – intensivas e tecnologicamente de ponta são uma prova do erro dessa visão. E apontam o caminho para que possamos resolver o nosso estrangulamento externo e voltar a crescer.

Não há dúvida que uma política industrial e de exportação desse tipo enfrenta muitos obstáculos. Há um crescente protecionismo em todo o mundo, e os países importadores do Brasil nos pressionam devido aos nossos subsídios à exportação. Mas não há política econômica que não tenha que vencer dificuldades.

O importante é que já estamos exportando fortemente manufaturadas e já dispomos dos ativos básicos para levar adiante uma política de médio prazo nesse sentido. Temos mão-de-obra de boa qualidade, temos engenheiros, empresas e instituições de pesquisa com capacidade de absorver e em seguida elaborar a tecnologia estrangeira. O que está faltando é visão do futuro e capacidade de enfrentar os problemas com determinação.(27/04)